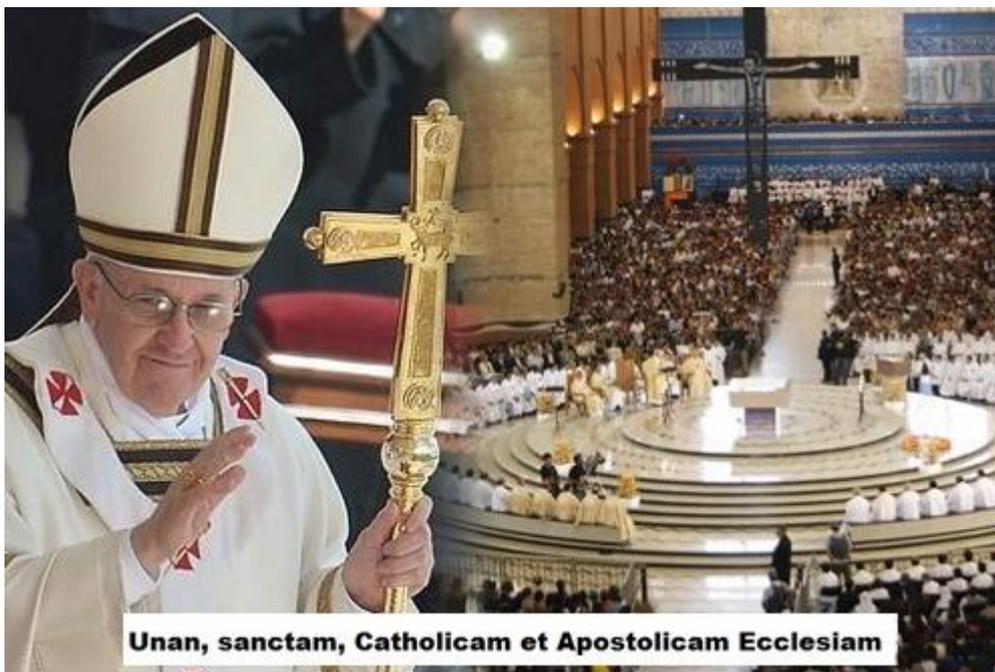


40. ORIGEM, FUNDAÇÃO E MISSÃO DA IGREJA. O MISTÉRIO DA IGREJA

758-780



INTRODUÇÃO

Os doze números que se referem à origem, a fundação e a missão da Igreja (758-769) são organizados em seis pontos: 1. A Igreja nascida no coração do Pai (759); 2. A Igreja prefigurada na criação do mundo; 3. A Igreja preparada na Antiga Aliança (761-762); 4. A Igreja instituída por Cristo Jesus (763-766); 5. A Igreja manifestada pelo Espírito Santo (767-768); 6. A Igreja consumada na glória (769). Como se pode notar, a Igreja existe como fruto, efeito e resultado da realização histórica do desígnio criador e salvador de Deus. Ela faz parte de um desígnio nascido do coração do Pai (759).

A Igreja não nasce da vontade associativa do homem. Sua origem mais radical (mais fundamental, básica, originária) está no mistério da Trindade. Nesse sentido, a Igreja está em relação íntima com o mistério da criação (760), da redenção (761-768) e da glorificação (769).

A Igreja foi fundada por Jesus Cristo? Essa questão é respondida pelo Catecismo da Igreja Católica que apresenta a Igreja como parte integrante da obra de inauguração do Reino de Deus por Jesus Cristo. A Igreja tem sua origem em Jesus no sentido de que suas raízes se fundam na missão de Cristo. Essa missão compreende: o chamado feito aos discípulos e a escolha dos doze e de outros discípulos para partilhar de seu próprio ministério. Assim a fundação da Igreja, em última análise, consiste no “dom total de Cristo para nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz” (766).

Qual é a essência da Igreja? O que ela é? O Catecismo procura responder a essa questão de maneira sintética. Para isso, faz recurso a uma palavra tradicional e muito significativa: a Igreja é mistério-sacramento (770-776).

TEXTO 758-780

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

ARTIGO 9: CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

PARÁGRAFO 1: A IGREJA NO DESÍGNIO DE DEUS

II. ORIGEM, FUNDAÇÃO E MISSÃO DA IGREJA



758. Para perscrutar o mistério da Igreja, convém meditar primeiro sobre sua origem no desígnio da Santíssima Trindade e sobre sua realização progressiva no curso da história.

Parágrafo relacionado 257

Um projeto nascido no coração do Pai

759. “O Pai eterno, por libérrimo e arcano desígnio de sua sabedoria e bondade, criou todo o universo; decidiu elevar os homens à comunhão da vida divina”, à qual chama todos os homens em seu Filho: “Todos os que creem em Cristo, o Pai quis chamá-los a formarem a santa Igreja”. Esta “família de Deus” se constitui e se realiza gradualmente ao longo das etapas da história humana, segundo as disposições do Pai. Com efeito, “desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na antiga aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito. E no fim dos tempos será gloriosamente consumada”.

Parágrafo relacionado 293

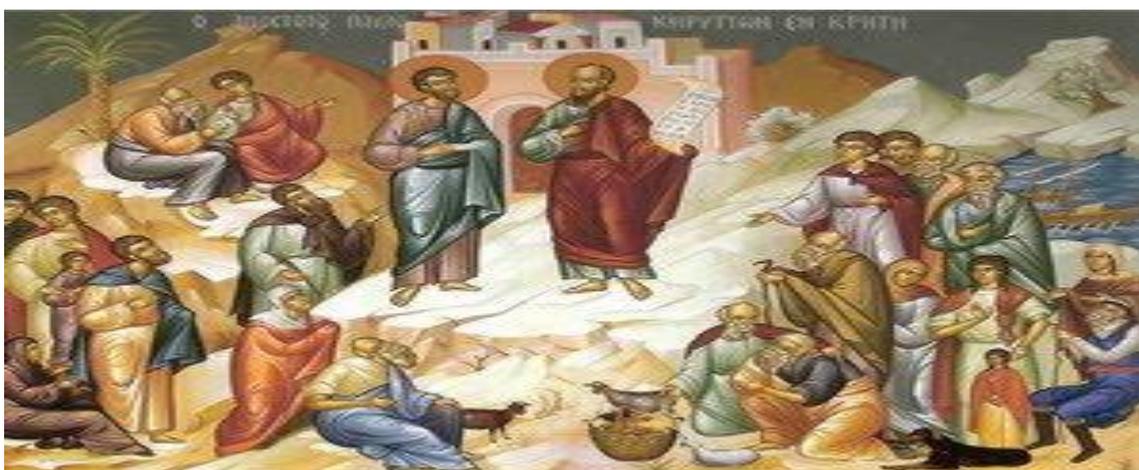
A Igreja prefigurada desde a origem do mundo

760. “O mundo foi criado em vista da Igreja”, diziam os cristãos dos primeiros tempos. Deus criou o mundo em vista da comunhão com sua vida divina, comunhão esta que se realiza pela “convocação” dos homens em Cristo, e esta “convocação” é a Igreja. A Igreja é a finalidade de todas as coisas, e as próprias vicissitudes dolorosas, como a queda dos anjos e o pecado do homem, só foram permitidas por Deus como ocasião e

meio para desdobrar toda a força de seu braço, toda a medida de amor que Ele queria dar ao mundo:

Parágrafos relacionados 294, 309

Assim como a vontade de Deus é um ato e se chama mundo, assim também sua intenção é a salvação dos homens e se chama Igreja.



A Igreja preparada na Antiga Aliança

761. O congraçamento do povo de Deus começa no instante em que o pecado destrói a comunhão dos homens com Deus e a dos homens entre si. A convocação da Igreja é por assim dizer a reação de Deus ao caos provocado pelo pecado. Esta reunificação realiza-se secretamente dentro de todos os povos: “Em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (At 10,35).

Parágrafo relacionado 55

762. A preparação longínqua da reunião do Povo de Deus começa com a vocação de Abraão, a quem Deus promete que será o pai de um grande povo. A preparação imediata tem seus inícios com a eleição de Israel como povo de Deus. Por sua eleição, Israel deve ser o sinal do congraçamento futuro de todas as nações. Mas já os profetas acusam Israel de ter rompido a aliança e de ter-se comportado como uma prostituta. Anunciam uma nova e eterna Aliança. “Esta Aliança Nova, Cristo a instituiu.”

Parágrafos relacionados 122, 522, 60, 84

A Igreja - instituída por Cristo Jesus

763. Cabe ao Filho realizar, na plenitude dos tempos, o plano de salvação de seu Pai. Este é o motivo de sua “missão”. “O Senhor Jesus iniciou sua Igreja pregando a Boa Nova, isto é, o advento do Reino de Deus prometido nas Escrituras havia séculos”. Para cumprir a vontade do Pai, Cristo inaugurou o Reino dos Céus na terra. A Igreja “é o Reino de Cristo já misteriosamente presente”.

Parágrafo relacionado 541

764. “Este Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo”. Acolher a palavra de Jesus é “acolher o próprio Reino”. O germe e o começo do Reino são o “pequeno rebanho” (Lc 12,32) dos que Jesus veio convocar

em torno de si, dos quais ele mesmo é o pastor. Eles constituem a verdadeira família de Jesus. Aos que assim reuniu em torno dele, ensinou uma “maneira de agir” nova e também uma oração própria.

Parágrafos relacionados 543, 1691, 2558

765. O Senhor Jesus dotou sua comunidade de uma estrutura que permanecerá até a plena consumação do Reino. Há antes de tudo a escolha dos Doze, com Pedro como seu chefe. Representando as doze tribos de Israel, eles são as pedras de fundação da nova Jerusalém. Os Doze e os outros discípulos participam da missão de Cristo, de seu poder, mas também de sua sorte (cf. Mt 10,25; Jo 15,20) . Por meio de todos os esses atos, Cristo prepara e constrói sua Igreja.

Parágrafos relacionados 551, 860

766. Mas a Igreja nasceu primeiramente do dom total de Cristo para nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na Cruz. “O começo e o crescimento da Igreja são significados pelo sangue e pela água que saíram do lado aberto de Jesus crucificado”. “Pois do lado de Cristo dormindo na Cruz é que nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”. Da mesma forma que Eva foi formada do lado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração traspassado de Cristo morto na Cruz.

Parágrafos relacionados 813, 610, 1340, 617, 478



A Igreja manifestada pelo Espírito Santo

767. “Terminada a obra que o Pai havia confiado ao Filho para realizar na terra, foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes para santificar a Igreja permanentemente”. Foi então que “a Igreja se manifestou publicamente diante da multidão e começou a difusão do Evangelho com a pregação.” Por ser “convocação” de todos os homens para a salvação, a Igreja é, por sua própria natureza, missionária enviada por Cristo a todos os povos para fazer deles discípulos.

Parágrafos relacionados 731, 849

768. Para realizar sua missão, o Espírito Santo “dota e dirige a Igreja mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos”. “Por isso a Igreja, enriquecida com os dons

de seu Fundador e empenhando-se em observar fielmente seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebeu a missão de anunciar o Reino de Cristo e de Deus e de estabelecê-lo em todos os povos; deste Reino ela constitui na terra o germe e o início”.

Parágrafo relacionado 541

A Igreja - consumada na glória

769. “A Igreja... só terá sua consumação na glória celeste quando do retomo glorioso de Cristo. Até aquele dia, “a Igreja avança em sua peregrinação por meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus.” Aqui na terra, sabe que está em exílio, longe do Senhor e aspira ao advento pleno do Reino, “a hora em que ela será, na glória, reunida a seu Rei”. A consumação da Igreja e, por meio dela, a do mundo, na glória, não acontecerá sem grandes provações. Só então “todos os justos, desde Adão, em seguida Abel, o justo, até o último eleito, serão congregados junto do Pai na Igreja universal”.

Parágrafos relacionados 671, 2818, 675, 1045

III. O MISTÉRIO DA IGREJA

770. A Igreja está na história, mas ao mesmo tempo a transcende. É unicamente “com os olhos da fé” que se pode enxergar em sua realidade visível, ao mesmo tempo, uma realidade espiritual, portadora de vida divina.

Parágrafo relacionado 812



A Igreja - ao mesmo tempo visível e espiritual

771. “O Mediador único, Cristo, constituiu e incessantemente sustenta aqui na terra sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e caridade, como um 'todo' visível pelo qual difunde a verdade e a graça a todos.” A Igreja é ao mesmo tempo:

Parágrafos relacionados 827, 1880, 954

- “sociedade provida de órgãos hierárquicos e Corpo Místico de Cristo;
- assembleia visível e comunidade espiritual;
- Igreja terrestre e Igreja enriquecida de bens celestes”.

Essas dimensões constituem “uma só realidade complexa em que se funde o elemento divino e humano”:

Caracteriza-se a Igreja por ser humana e ao mesmo tempo divina, visível, mas ornada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação presente no mundo e, no entanto, peregrina. E isso de modo que nela o humano se ordene divino e a ele se subordine, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura, que buscamos.

Ó humildade! Ó sublimidade! Tabernáculo de Cedar e santuário de Deus; morada terrestre e palácio celeste; casa de barro e sala régia; corpo de morte e templo de luz; finalmente, desprezo para os soberbos e esposa de Cristo! És negra, mas formosa, ó filha de Jerusalém: ainda que desfigurada pelo labor e pelado longo exílio, a beleza celeste te adorna.



A Igreja - mistério da união dos homens com Deus

772. É na Igreja que Cristo realiza e revela seu próprio mistério como a meta do desígnio de Deus: “Recapitular tudo nele” (Ef 1,10). São Paulo denomina de “grande mistério” (Ef 5,32) a união esposal entre Cristo e a Igreja. Por estar ela unida a Cristo como a seu Esposo, a própria Igreja também se torna mistério. Contemplando nela o mistério, São Paulo exclama “Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1,27).

Parágrafos relacionados 518, 796

773. Na Igreja, esta comunhão dos homens com Deus pela “caridade que nunca passará” (1 Cor 13,8) é a finalidade que comanda tudo o que nela é meio sacramental ligado ao mundo presente que passa. Sua estrutura se ordena integralmente à santidade dos membros do corpo místico de Cristo. E a santidade é medida segundo o ‘grande mistério’, em que a Esposa responde com o dom do amor ao dom do Esposo. Maria nos precede a todos na santidade que é o mistério da Igreja como “a Esposa sem mancha nem ruga”. Por isso, “a dimensão marial da Igreja antecede sua dimensão petrina”.

Parágrafos relacionados 671, 972



A Igreja - sacramento universal da salvação

774. A palavra grega “mysterion” foi traduzida para o latim por dois termos: “mysterium” e “sacramentum”. Na interpretação ulterior, o termo “sacramentum” exprime mais o sinal visível da realidade escondida da salvação, indicada pelo termo “mysterium”. Neste sentido, Cristo mesmo é o mistério da salvação: “Non est enim aliud Dei mysterium, Christus - Pois não existe outro mistério de Deus a não ser Cristo”. A obra salvífica de sua humanidade santa e santificante é o sacramento da salvação que se manifesta e age nos sacramentos da Igreja (que as Igrejas do Oriente denominam também “os santos mistérios”). Os sete sacramentos são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo difunde a graça de Cristo, que é a Cabeça, na Igreja, que é seu Corpo. A Igreja contém, portanto, e comunica a graça invisível que ela significa. É neste sentido analógico que ela é chamada de “sacramento”.

Parágrafos relacionados 1075, 515, 2014, 1116

775. “A Igreja é, em Cristo, como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”. Ser o sacramento da união íntima dos homens com Deus é o primeiro objetivo da Igreja. Visto que a comunhão entre os homens está enraizada na união com Deus, a Igreja é também o sacramento da unidade do gênero humano. Nela, esta unidade já começou, pois ela congrega homens “de toda nação, raça, povo e língua” (Ap 7,9); ao mesmo tempo, a Igreja é “sinal e instrumento” da plena realização desta unidade que ainda deve vir.

Parágrafo relacionado 360

776. Como sacramento, a Igreja é instrumento de Cristo. “Nas mãos dele, ela é o instrumento da Redenção de todos os homens” o sacramento universal da salvação” pelo qual Cristo “manifesta e atualiza o amor de Deus pelos homens”. Ela “é o projeto visível do amor de Deus pela humanidade” que quer que o “gênero humano inteiro constitua o único povo de Deus, se congregue no único Corpo de Cristo, seja construído no único templo do Espírito Santo”.

Parágrafo relacionado 1088

RESUMINDO

777. A palavra “Igreja” significa “convocação”. Designa a assembleia daqueles que a Palavra de Deus convoca para formarem o Povo de Deus e que, alimentados pelo Corpo de Cristo, se tornam Corpo de Cristo.

778. A Igreja é ao mesmo tempo caminho e finalidade do desígnio de Deus: prefigurada na criação, preparada na Antiga Aliança, fundada pelas palavras e atos de Jesus Cristo, realizada por sua Cruz redentora e por sua Ressurreição, ela é manifestada como mistério de salvação pela efusão do Espírito Santo. Será consumada na glória do céu como assembleia de todos os resgatados da terra.

779. A Igreja é ao mesmo tempo visível e espiritual, sociedade hierárquica e Corpo Místico de Cristo. Ela é una, formada de elemento humano e um elemento divino. Somente a fé pode acolher este mistério.

780. A Igreja é no mundo presente o sacramento da salvação, o sinal e o instrumento da comunhão de Deus e dos homens.



Revisando temas

1. JESUS FUNDOU A IGREJA?

Essa é uma questão muito atual. Da resposta a essa questão dependem muitas afirmações que hoje fazemos sobre a Igreja: sacramento da salvação, santidade, apostolicidade, unidade.

Na doutrina pré-conciliar sobre a Igreja e na dogmática neo-escolástica a questão da fundação foi resolvida mediante a referência a algumas passagens bíblicas: Jesus instituiu e fundou a única Igreja (DS 3540). A Igreja como instituição ou fundação de Jesus, nesse contexto, significa: o Senhor terreno e ressuscitado cumpriu consciente e expressamente determinados atos jurídicos formais, mediante os quais fundou a Igreja como instituição visível e juridicamente estruturada por sua vontade em todos os pontos essenciais.

Na exegese moderna essa concepção se tornou **problemática** por vários motivos.

1. Os evangelhos foram escritos na situação eclesial pós-pascal e transmitem as palavras de Jesus já como palavras atualizadas para essa situação eclesial.
2. Também o termo “ekklesia”, quando aparece nos sinóticos (Mt 16,18s; 18,17) derivam da situação pós-pascal.

3. A pregação pré-pascal de Jesus era o Reino de Deus e nesse sentido ele se dirige a todo Israel. Sua intenção era o de reunir, renovar e preparar todo o povo para a vinda iminente do Reino. Nesse sentido ele não quis fundar uma nova comunidade religiosa, nem constituir um resto santo ou uma comunidade particular dentro de Israel. O fato de que nesse movimento de congregação se verificou uma divisão-separação não depende da vontade de Jesus, mas da reação dos interlocutores.

Nesse sentido, é muito difícil falar de uma fundação da Igreja em senso estrito e tradicional do termo.

“Igreja” e “fundação” são, de fato, termos que podem ter conteúdos e amplitudes diferentes.

I. Se falarmos de “Igreja” em **senso estrito** (a **comunidade de fiéis** que sob a direção do **Papa** e dos **bispos** professam a mesma **fé eclesial** e recebem os mesmos **sacramentos**), devemos responder que ela **não foi fundada** por Jesus.

1. O aparecimento da Igreja depende de um processo de **separação** de Israel.
2. Ela tem o seu centro e lugar específico na **celebração eucarística**.
3. Por isso, no senso estrito do termo, somente depois da **Páscoa e Pentecostes** tem lugar a Igreja na sua institucionalização concreta.

II. Se, pelo contrário, usarmos o termo “Igreja” em **senso amplo e aberto** (a comunidade dos que creem, esperam e amam, inaugurada pelo Pai no Espírito Santo mediante Cristo) é indubitável dar uma **resposta positiva**.

1. O desenvolvimento pós-pascal somente é possível com a história de Jesus pré-pascal.
2. O movimento de reunião escatológica inaugurado por Jesus em Israel e os sinais do advento do Reino de Deus por ele realizados e constitutivos de uma comunidade formam a base teológica objetiva e histórica da institucionalização pós-pascal da Igreja.

III. Também o termo “fundação” pode ser entendido segundo modelos diversos que descrevem a relação entre Jesus e a Igreja. São três as abordagens globais dessa relação: fundadora, originária e fundante.

1. Relação **fundadora**. A instituição da Igreja está profundamente ligada à questão relativa à **pessoa** e à **consciência** pessoal de Jesus. Nesse sentido, a teologia fala de uma “eclesiologia implícita e processual”, uma vez que dessa maneira se exprime que há uma **continuidade fiel** (não de traição nem de mera substituição) entre o Reino de Deus iniciado por Jesus e a Igreja. Somente assim se pode falar de uma “fundação” da Igreja por Jesus (cf. LG 5).
2. Relação **originária**. Jesus é origem da Igreja. A Igreja na sua formação histórica é composta por um elemento divino e outro humano em **analogia** ao mistério do Verbo encarnado; ela é santa e, ao mesmo tempo, sempre necessitada de purificação (LG 8). Nesse sentido, deve-se sublinhar que a Igreja é “mistério” e “sujeito histórico” com a conseqüente “plenitude e relatividade” de sua existência histórica. Por isso ela pode ser analisada pelas ciências históricas e sociológicas como “povo de Deus que caminha para o Reino”, mas consciente de que é, ao mesmo tempo, “o Reino de Deus já presente no mistério”.
3. Relação **fundante**. Jesus é o **fundamento** da Igreja. Os mistérios salvíficos de Cristo são fundamento da Igreja. Os mistérios de Cristo foram preparados já

desde as origens (*Ecclesia ab Abel*, LG 2) e estão articulados na sua encarnação, no seu mistério pascal e no envio do Espírito Santo.

2. O MISTÉRIO DA IGREJA

O que é a “Igreja”? Para o cristão, essa questão se torna ainda mais decisiva quando experimenta a distância existente entre a Igreja enquanto **objeto de fé** e a **Igreja histórica**. Ele recita o Símbolo da fé, no qual confessa a Igreja una, santa, católica e apostólica. Ao mesmo tempo, constata com grande intensidade que a **Igreja concreta e histórica** não corresponde à **Igreja crida**.

A questão da “essência” da Igreja não tem resposta fácil, pois tal essência existe de fato somente e sempre nas suas manifestações históricas. Nesse sentido, Concílio Vaticano II descreveu a Igreja como um mistério que não pode ser adequadamente expresso por um único conceito. Por isso é preciso ilustrar o mistério da Igreja mediante numerosas **imagens e conceitos** que se corrigem e se completam reciprocamente (LG 1-8).

A sociedade provida de órgãos hierárquicos e o corpo místico de Cristo, a assembleia visível e a comunidade espiritual, a Igreja terrestre e a Igreja enriquecida de bens celestes, não devem ser consideradas duas coisas, mas formam **uma só realidade complexa** em que se funde o elemento divino e humano. É por isso, mediante uma não medíocre analogia, comparada ao mistério do Verbo encarnado. Pois como a natureza assumida indissolúvelmente unida a Ele serve ao Verbo Divino como órgão vivo de salvação, semelhantemente o organismo social da Igreja serve ao Espírito de Cristo que o vivifica para o aumento do corpo (LG 8,1).

De fato, a Igreja é uma realidade extremamente complexa: ela é **mistério da fé** e uma **realidade empírica, divina e humana, assembleia visível e comunidade espiritual**. Como realidade histórica, ela pode ser empírica e historicamente estudada. Mas para o crente isso não é suficiente para captar a sua essência, a sua dimensão profunda, que tem suas raízes na ação de Deus na história. A ação salvífica livre e gratuita de Deus não é um constitutivo periférico da Igreja. Tal ação divina, porém, só pode ser captada e experimentada pela fé. Por outro lado, é a própria fé que obriga a fixar o olhar na história. Assim os dois aspectos dessa complexa realidade devem ser **distintos**; não podem ser **confundidos** nem mesmo **separados**.

Outra característica dialética fundamental da Igreja é que, de um lado, ela existe somente como **fruto da ação divina (dimensão objetiva e passiva: Igreja reunida por Deus)** e, de outro, ela é também **sujeito de ações humanas** realizadas em vista da salvação (**dimensão subjetiva e ativa: Igreja que congrega**). As dimensões objetiva e subjetiva são distintas entre si e, ao mesmo tempo, unidas.

A Igreja é também realidade complexa porque, de uma parte, é o **resultado** de múltiplas ações individuais. Por isso ela é tanto a ação concreta de se reunir e de interagir dos fiéis quanto o resultado dessa ação social individual. Nesse sentido, a Igreja é uma instituição social constituída pela reunião dos cristãos. Por outro lado, a Igreja é também organismo institucional que **antecede** a ação cristã individual. Desse organismo fazem parte a liturgia, o direito canônico, o edifício da igreja, o ordenamento eclesiástico, o ministério eclesiástico. Sem essa instituição eclesial não existiria também o indivíduo cristão. A instituição é, portanto, espaço vital normativo e pré-existente.

Por fim a Igreja é desde sempre o **lugar histórico e concreto da salvação**. Ela já é a unidade em meio à dispersão do pecado, é a reconciliação em meio à separação. Por

outro lado, ela deve também cumprir uma **missão**, uma função, um **serviço** no e para o mundo.

A Igreja é uma **realidade complexa**: é mistério da fé e uma realidade empírica, é objeto e sujeito, assembleia reunida e instituição, pátria e missão. Os dois aspectos correspondentes entre si não devem ser confundidos nem separados. Tanto a distinção quanto a unidade das correspondências são essenciais.

*** **

LEITURA COMPLEMENTAR

A. J. de ALMEIDA, “Creio no ‘Espírito Santo presente na santa Igreja!’”, in: *Sois um em Cristo Jesus*, São Paulo, Paulinas & Valência, Siquem, 2004, p. 33ss.

CREIO “NO ESPÍRITO SANTO PRESENTE NA SANTA IGREJA!”

O cristão olha para a Igreja com um olhar de fé. Para ele, a Igreja é o resultado comunitário e social da ação histórico-salvífica do Pai pelo Filho no Espírito Santo. Com os antigos símbolos da profissão de fé, não cremos direta e separadamente na Igreja, mas “no Espírito Santo presente na santa Igreja para a ressurreição da carne!”

A Igreja origina-se do mistério insondável do Pai, pelo Filho que se fez nossa carne, no Espírito Santo. É o nível de maior profundidade do mistério da própria Igreja. É o Santo dos Santos, onde só o sumo sacerdote podia entrar, para cujo interior, porém, conduz-nos Jesus, o mediador da nova aliança (Hb 9-10), em cujos meandros nos envolve o Espírito, aquele que nos ensina todas as coisas (Jo 14,26).

A *Lumen gentium*, interessada na superação dos reducionismos eclesiológicos e na plena contemplação do mistério eclesial, apresenta a Igreja como “o povo unido pela unidade mesma do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG 4), na feliz expressão de Cipriano. A Igreja vem da Trindade (origem), é estruturada à imagem da Trindade (forma) e caminha para o cumprimento da história na Trindade (meta). Vinda do Alto, formada do Alto e a caminho do Alto, Reino de Deus presente em mistério (LG 5), “a Igreja está na história, mas não é redutível às coordenadas da história, do visível e do disponível”. Mas é na história e sob as condições da história que podemos conhecê-la.

1. Igreja do Pai: “Por livre desígnio de sabedoria e bondade, o Pai eterno criou o mundo” (LG 2)

A *Lumen gentium* descerra diante de nossos olhos um quadro grandioso da Igreja. É a Igreja do Pai:

O Pai eterno (...) criou todo o universo. Decretou elevar os homens à participação da vida divina. E, caídos em Adão, não os abandonou, oferecendo-lhes sempre os auxílios para a salvação, em vista de Cristo, o Redentor (...). A todos os eleitos o Pai, desde a eternidade, “conheceu e destinou a serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele fosse o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29). Assim estabeleceu congregar na santa Igreja os que crêem em Cristo. Desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na antiga Aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito. E no fim dos tempos será gloriosamente consumada, quando (...) todos os justos desde Adão, “do justo Abel até o último eleito”, serão congregados junto ao Pai na Igreja universal (LG 2).

A Igreja aparece aí antes da Igreja, ou seja, na vontade soberana do Pai; é vista como a razão mais íntima da criação; os grandes momentos de sua história são os grandes atos da história da salvação: a criação, a história do povo de Israel, o advento do redentor, a efusão do Espírito, o cumprimento final. O desígnio de unidade não podia ser mais amplo: não exclui ninguém, abraça a todos na gratuidade da fonte inesgotável do amor na Trindade e no mundo.

No tempo, portanto, a Igreja estende-se do primeiro ao último brilho da criação. Se, enquanto querida desde sempre, ela existe antes de existir, na história do povo de Israel e do povo cristão, ela é sinal levantado entre os povos; no fim dos tempos, entrará na plena realização do Reino, presente nela em mistério. Ela é *Ecclesia ab Adamo*, pecadora, sim, mas também atingida pela graça “em vista do Cristo redentor” (LG 2); ela é *Ecclesia ab Abel*, cuja única fronteira no tempo e no espaço é a justiça de Deus que livre e gratuitamente justifica o homem, dando-lhe um novo coração, graça que o ser humano, porém, pode sempre recusar.

Este Deus se revela a nós e é por nós experimentado sobretudo na história de Jesus – narrada nos evangelhos à luz de sua morte e ressurreição que o tornou definitivamente presente entre nós, caminha conosco e com o qual vivemos em comunhão pela fé. O Pai é o Deus do Reino, o mesmo Deus da vida e da esperança que ouve o clamor dos oprimidos e os liberta, apelando à responsabilidade do ser humano para converter-se, invertendo seus caminhos de cobiça e dominação em caminhos de justiça e amor solidário. O Pai é o Pai de Jesus, Servo de Deus e novo Jó, e, portanto, está misteriosamente presente no sofrimento injusto e na morte violenta como poder de vida e de ressurreição. O Pai é especialmente o Pai misericordioso, livremente transcendente e intensamente pessoal, que se deixa tocar pela miséria humana, sobretudo dos pecadores e dos pobres (Mt 9,36; Lc 15,11ss.), acolhendo-os em sua casa e ceando com eles.

2. Igreja do Filho: “Veio o Filho, enviado pelo Pai que, através dele, nos escolheu desde ainda antes da Criação” (LG 3)

O desígnio paterno de unidade realiza-se na missão do Filho: “Veio o Filho, enviado pelo Pai” (LG 3). Cristo é o centro da história. É o cume da revelação-realização do projeto de Deus. Da visão global sobre a totalidade da história passa-se a um segmento da história. É na missão do Filho que é atuado, na plenitude dos tempos, o desígnio divino de unidade (cf. Ef 1,9; 4,3-6).

O pano de fundo é a doutrina paulina da filiação adotiva e da recapitulação universal: “Foi nele que, antes da constituição do mundo, o Pai nos escolheu e predestinou a sermos filhos adotivos” (cf. Ef 1,4-5.10). A filiação divina é o desígnio do Pai:

É para comungar com o Filho que os homens e mulheres são chamados: “Fostes chamados à comunhão com o seu Filho” (1Cor 1,9). Porque o Pai não tem outra finalidade senão o Filho; a atividade criadora e santificadora que ele exerce no mundo e na Igreja se desenvolve dentro da que ele exerce em relação ao Filho. Desde o presente a Igreja é assumida no mistério filial; os fiéis são os “chamados de Jesus Cristo” (Rm 1,6), aqueles que por chamamento pertencem a Jesus Cristo (DURRWEL, F.-X. O Pai, Deus em seu mistério, São Paulo, Paulus, 1990, 72ss).

O realismo da filiação nunca será suficientemente enfatizado: “O fiel é realmente ‘constituído filho’. Quando Deus faz do homem filho(a), age não jurídica, mas divinamente, isto é, como criador” (*Ib.*, p. 75).

O centro da missão de Jesus foi constituído pelo anúncio do Reino de Deus, que ele tornou presente no mundo por sua presença, palavra e obras: “Para cumprir a vontade do Pai, Cristo inaugurou na terra o Reino dos céus, revelou-nos seu mistério e por sua obediência realizou a redenção” (LG 3).

Jesus não anuncia um Reino “político”, nem puramente “religioso”, “espiritual” ou “moral”, mas se conecta às visões proféticas. Traço absolutamente novo da pregação de Jesus é a “proximidade” do Reino (cf. Mc 13,29). Enquanto presença salvífica e libertadora de Deus, o Reino não é fruto de nossos esforços. Embora sejamos convidados a trabalhar na “vinha” (Mt 20,1ss), o crescimento depende da ação de Deus (cf. Mc 4,26-29). Ao ser humano cabem a conversão (cf. Mc 1,15), a acolhida e a invocação humilde e confiante: “venha o teu Reino” (Mt 6,10). O Filho, na verdade, tornou-se um de nós em tudo, “até a morte – e morte de cruz!” (Fl 2,8), a fim de que a sua obediência reconciliasse a nós, impotentes pecadores, com o Pai, e o Reino viesse sobre a terra.

“A Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, pelo poder de Deus, cresce visivelmente no mundo” (LG 3 e 5). A Igreja não é o Reino, mas o Reino não lhe é nem estranho nem indiferente. Ela é o início do Reino de Deus na terra, e é também revelação do mistério de Cristo:

é o Reino presente in mysterio, em modo misterioso, porque o mistério é ao mesmo tempo revelado e velado (...). A revelação é também progressiva; não pelas suas forças, mas pela força de Deus, a Igreja desempenha sem cessar visivelmente a sua função de anunciadora do mistério (PHILIPS, G. *La Chiesa e il suo mistero*, Milano, Jaca Book, 1982, p. 83).

A missão da Igreja não é outra senão a própria missão de Jesus. O começo e o crescimento da Igreja são significados pelo sangue e pela água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo 19,34) e preanunciados pelas palavras do Senhor acerca de sua morte na cruz: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32).

Exerce-se a obra de nossa redenção sempre que o sacrifício da cruz, pelo qual Cristo nossa Páscoa foi imolado (1Cor 5,7), se celebra sobre o altar. Ao mesmo tempo, “a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,17)” é significada e realizada pelo sacramento do pão eucarístico (LG 3).

A Igreja nasce da totalidade do mistério do Filho encarnado, mas, muito concretamente, dos eventos do mistério pascal, quase de um místico parto de amor e dor. Assim como da costela de Adão nasceu Eva, mãe dos viventes, do lado aberto de Jesus crucificado nasce a Igreja, nova Eva, mãe dos filhos de Deus. A ação litúrgica – especialmente a eucaristia – atualiza o emergir da Igreja como “evento” e dom que vem do alto. Na verdade,

A exaltação do Salvador sobre a cruz não é simplesmente um acontecimento do passado. A sua morte foi um sacrifício propiciatório e libertador, como sublinha a citação paulina: “Porque Cristo, nossa Páscoa, foi imolado” (1 Cor 5,7). Ora, este sacrifício se perpetua, e toda vez que o celebramos sobre o altar, realiza-se a obra da nossa redenção. Não se trata, portanto, de uma mera refeição comemorativa, mas de uma atuação do sacrifício da cruz sob os sinais eucarísticos (PHILIPS, G., *La Chiesa e il suo mistero*, p. 83).

Nesta perspectiva sacramental, é sobretudo a eucaristia que significa e “faz a Igreja”, edificando-a em “corpo de Cristo”.

3. Igreja do Espírito: “o Espírito Santo foi enviado, no dia de pentecostes, como fonte perene de santificação” (LG 4)

A missão do Filho culmina no envio do Espírito:

Consumada, pois, a obra que o Pai confiara ao Filho realizar na terra (cf. Jo 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes a fim de santificar perenemente a Igreja para que assim os crentes pudessem aproximar-se do Pai por Cristo num mesmo Espírito (cf. Ef 2,18) (LG 4).

O Espírito torna possível, por Cristo, o acesso ao Pai.

*Como o Pai pelo Filho vem ao ser humano no Espírito, assim o ser humano no Espírito pelo Filho pode agora ter acesso ao Pai: o movimento de descida consente um movimento de subida, num circuito de unidade, cuja fase eterna é a Trindade, cuja fase temporal é a Igreja (FORTE, B., *La Chiesa della Trinità*, p. 70).*

Na verdade, “é o Espírito da vida, fonte que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4,14; 7,38-39)” (LG 4), fonte de água viva que brota do costado de Cristo para a vida eterna, que dá a vida, como professamos no credo: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida” e narramos no batismo: “Já na origem do mundo, vosso Espírito pairava sobre as águas para que fossem capazes de gerar a vida” (cf. Gn 1,2).

É pelo Espírito que “o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que em Cristo ressuscite seus corpos mortais (cf. Rm 8,10-11)” (LG 4). Há uma indissolúvel relação entre a ressurreição de Jesus, a ressurreição do pecado e a ressurreição dos mortos no último dia. O Pai ressuscita através do Espírito (cf. Rm 8,11; Cl 2,12).

Este mesmo Espírito “habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19)” (LG 4). O Espírito habita tanto nos fiéis (“não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” - 1Cor 3,16; cf. 6,19) como na Igreja (“ora, nós somos o templo do Deus vivo” - 2Cor 6,16). A comunidade cristã, sendo o corpo de Cristo, é o verdadeiro templo da nova aliança, onde se oferecem os sacrifícios agradáveis a Deus de uma vida doada, como a do Filho Jesus (cf. Rm 12,1).

É o Espírito “que ora e dá testemunho no coração dos fiéis de que são filhos adotivos (cf. Gl 4,6; Rm 8,15-16 e 26)” (LG 4). O chamamento do Pai visa à filiação do ser humano:

*O chamamento vem do Pai, a graça é paterna em sua origem e filial em seu efeito; ela filializa o homem, chamando-o para o termo único da atividade do Pai, que é o Filho. Ela não é realidade estática, simples ornamento que valoriza a natureza do homem, ela é mobilizadora, ela cria (Ef 2,9), pela atração que exerce; ela é “o amor dum pai, cria filhos”, atraindo-os para a comunhão com o Filho (DURRWEL, F.-X. *O Pai, Deus em seu mistério*, p. 73).*

Não é externa nem simplesmente acrescida ao ser humano, “mas o atinge em seu núcleo, age em sua pessoa e o molda a partir dessa profundidade. Ela torna a pessoa divinamente relacional e a coloca em relação com o Pai na comunhão com o Filho” (Ib., 73). Por isso, a Igreja é essencialmente uma comunhão de filhos. Mais ainda: o Espírito é amor e é como tal que ele habita no coração do fiel. Sendo amor, ele não procura criar laços de amizade entre si mesmo e o fiel. Ele é a própria amizade, a comunhão existente entre o Pai, o Filho, o fiel.

Sendo amor, ele nunca trabalha para si mesmo. Sendo unção (cf. 1Jo 2,27), ele impregna o eu do fiel e o abre para a relação divina. Pela presença do Espírito, Paulo e

Cristo estão de tal modo unidos que o apóstolo constata: “Cristo vive em mim” (Gl 2,20) e pode dirigir-se a Deus, dizendo: “Abbá! Pai!” (Gl 4,6).

Ele é tão interior a nós que suplica em nós e por nós, mas a sua súplica torna-se nossa: “Pai-nosso”

Em relação ao conjunto da Igreja, o Espírito é a memória de Jesus que continua sempre viva e presente na comunidade, ajudando-a a manter e a interpretar a ação de Jesus em qualquer tempo e lugar. Ele tem uma função docente: “leva a Igreja ao conhecimento da verdade total (cf. Jo 16,13)” (LG 4), de modo que esta se confronte sempre com o Cristo na carne, com o Jesus da história, que se autodenominou “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), para não se esforçar em vão (cf. Gl 2,2).

O mesmo Espírito “unifica-a na comunhão e no ministério” (LG 4). O Espírito tem uma função unificadora. Ele impulsiona em primeiro lugar a comunhão e o espírito de serviço. A prioridade cabe sempre à comunhão, pois o ministério é instituído ao seu serviço!

O Espírito dota a Igreja de carismas e ministérios vários: “dota-a e dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos” (LG 4). Não só os carismas, mas também os ministérios são reconduzidos ao Espírito (cf. 1Cor 12,4ss.; Ef 4,11-12). Paulo jamais separa os ministérios dos carismas: “também os encargos do ministério são dons, e apresentam um certo matiz carismático; quanto aos carismas em sentido estrito, eles não se opõem à hierarquia, muito pelo contrário” (PHILIPS, G., *La Chiesa e il suo mistero*, p. 22).

Muito mais do que isso: todo o ministério é um dom (do Espírito) em estado de serviço (com todas as suas qualificações) reconhecido pela Igreja.

O Espírito adorna a Igreja com seus frutos. O amor, as condições em que ele nasce e se desenvolve (fé, mansidão, domínio de si), os sinais de sua presença (alegria, paz), bem como suas manifestações ativas (paciência, bondade, benevolência) são os frutos com os quais o Espírito adorna a Igreja.

A constante renovação da Igreja e a perfeita união entre ela e o esposo são também atribuídas ao Espírito: “Pela força do Evangelho ele rejuvenesce a Igreja, renova-a perpetuamente e leva-a a união consumada com seu esposo. Pois o Espírito e a esposa dizem ao Senhor Jesus: ‘Vem’ (cf. Ap 22,17)” (LG 4).

